



PROJETO ESPIÕES

Artigo de Cláudia Galhós

Filipa Francisco

Com Francisco Camacho, Miguel Pereira e Sílvia Real

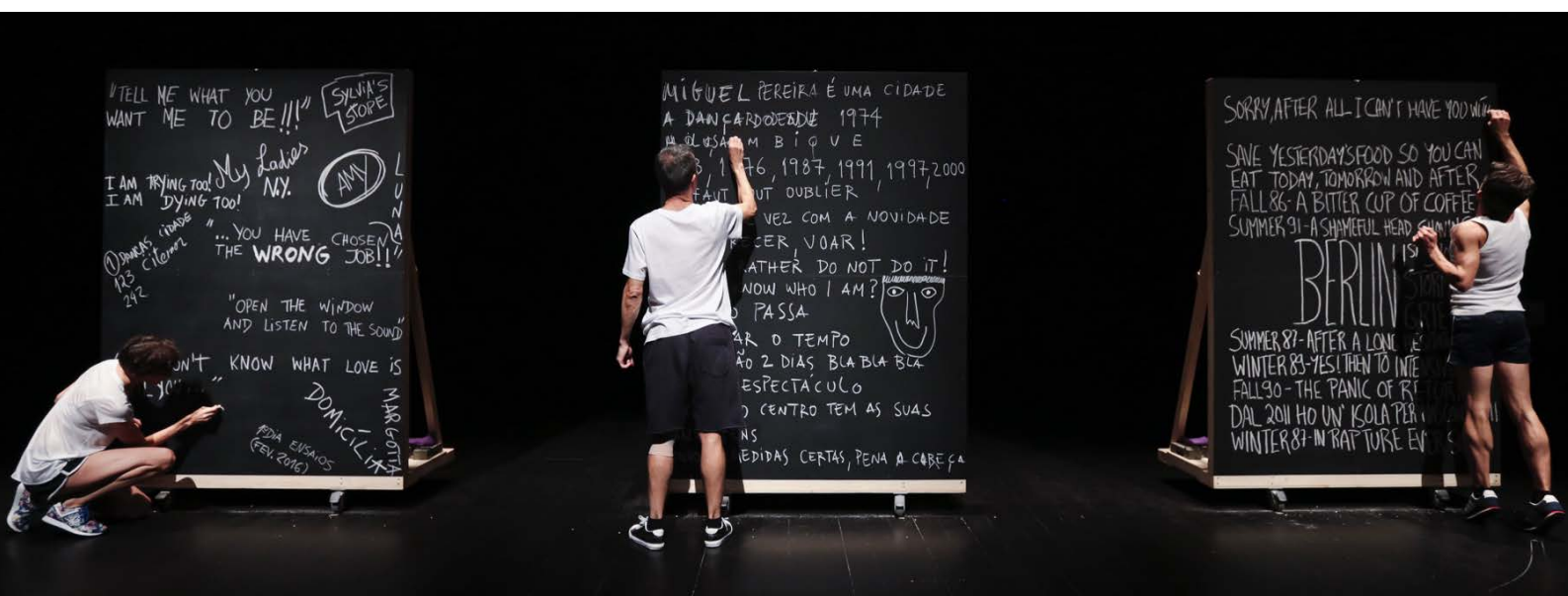
Segunda Edição

Projecto Espiões ou a arte do encontro/reencontro

Por Cláudia Galhós

“Eis uma proposta: tomemos como obsoletas categorizações como criação, recriação, reconstrução, reinvenção, reapropriação. Estas nada significam. Ou melhor, postas em prática numa partitura coreográfica e/ou teatral não produzem resultados distintos. São todas elas faces, ou perspectivas possíveis, de abordar uma mesma realidade: a relação (íntima, profunda, que nasce do interior para o exterior) entre os tempos que atravessam a existência de qualquer indivíduo. Se tomarmos em consideração que esse(s) indivíduo(s) é um dotado performer/criador de dança, ainda mais estas distinções se esbatem, intimidadas pelos sentidos intensificados por uma maior consciência da coexistência paradoxal, e não domesticável, ordenável ou hierarquizada, da memória encarnada nos nervos, nos músculos, no esqueleto do corpo que sempre fez questão de pensar enquanto dança.

Qualquer afirmação que se queira dar como definitiva sobre o que foi ou como foi – neste caso está em causa uma abordagem possível a uma História da Dança Contemporânea Portuguesa e todas as interrogações que tal exercício suscita – corresponde a um acto de falsidade perante a complexidade do sentir e existir humano e artístico. Também porque a composição de uma visão do que foi, do que se foi, e do que foi activado e revivido, alterada inevitavelmente para um presente, é sempre simultaneamente criação de algo novo, recriação, reinvenção, e, a amálgama de tudo isto: mistério. Mistério na formulação contemporânea da obra que convoca momentos das histórias íntimas, colecções privadas, dos artistas envolvidos, que diz do fascínio enigmático que é a tentativa de religação com o passado, que é o mesmo que a urgência de religação num estar presente consciente desse estado. Este mistério decorre da natureza da acção criadora: mais uma vez, simultaneamente humana e artística. E mais ainda porque não é exercício de memória de apenas uma pessoa.





Poderia dar-se o caso de ser a própria Filipa Francisco, como directora artística de “Projecto Espiões”, a trabalhar sobre um determinado arquivo da História da Dança Contemporânea Portuguesa inspirada pelos seus intérpretes, figuras referenciais vivas dessa mesma História: Francisco Camacho, Miguel Pereira e Sílvia Real. Mas multiplique-se a complexidade de olhares pela partilha e troca entre os três intérpretes, o que eles trazem das suas próprias memórias e memórias cúmplices uns dos outros, e a coreógrafa, e adensa-se o enigma.

Uma das características do trabalho que Filipa Francisco tem vindo a desenvolver nos últimos anos, passa pelo encontro com o outro – “Íman” (2008), “construído a partir das memórias individuais de intérpretes de dança africana e hip hop do bairro da Cova da Moura”; “A Viagem” (2012), “que explora a dança tradicional como uma forma de ligação ao corpo”, ou “Força” (2015), criado para a Companhia Maior... Para além das questões artísticas e sociais, estas e outras obras, tal como a nova, implicam um posicionamento político, desde logo ao tomar a forma do encontro/partilha/confronto como estratégia de composição.

Neste novo “Projecto Espiões”, essa particularidade também lá está, mas de modo diverso. Agora trata-se de um encontro/reencontro com o outro, o que sugere um coerente aprofundamento dessa natureza de pesquisa pondo em diálogo/confronto/partilha o diverso – identidades distintas, muito marcantes e afirmativas. Por ser este um encontro/reencontro que parte da especificidade da história recente da dança contemporânea portuguesa, ainda a pulsar naqueles corpos, adensam-se as questões que são colocadas na equação da peça. Afinal de que história da dança falamos? A quem pertencem aquelas memórias? A quem pertencem aqueles gestos? E não será que a história, assim trazida para uma ideia de museu vivo que respira de novo em palco, inscreve um presente que, como qualquer outra criação, tem as suas referências fundadoras num tempo anterior mas projecta-se num futuro.

Pode o corpo ser um arquivo vivo de gestos vividos ou observados noutra corpo? Se considerarmos que sim, outra questão se coloca: pode o corpo isolar os gestos vividos ou observados em outros corpos, sem trazer a essa memória física todo um complexo (tanto na paisagem envolvente, como interior, dos afectos)? Quem é o autor do que se conta? Aquele que o viveu? Por 'aquele que o viveu' entenda-se: aquele que foi intérprete de uma peça e agora procura a recordação material, muscular, que lhe esteve na origem; ou aquele que foi espectador de algo pelo qual foi afetado pessoalmente, sendo que a interpretação ou criação não seja sua? O que entendemos por 'interpretar' ou 'ser espectador' ou 'observar'? Pode ser no contexto de um espectáculo, mas pode ser no contexto de uma audição, de uma aprendizagem, até numa circunstância social... Que museu vivo se constrói a cada vez que, no presente, se procura pôr em relação tempos distintos? Importa questionar também isto.

“Espíões” foi primeiro, em 1998, uma peça que estreou na Black Box do Centro Cultural de Belém (Lisboa), em que três intérpretes de dança, ainda com pouca obra criada em nome próprio, coreografaram solos para nomes de uma geração anterior à deles. Filipa Francisco coreografou para João Garcia Miguel, Carlota Lagido coreografou para Francisco Camacho e João Galante coreografou para Madalena Victorino. São quase vinte anos de história – daquela com «H» grande e da pequena, mais intimista e de detalhes pessoais. Já então o projecto questionava a ideia de autoria, do lugar que cada indivíduo (neste caso artistas) ocupa num determinado contexto. E fazia mais: propunha o jogo da troca de lugares. Os intérpretes coreografaram coreógrafos que se tornaram intérpretes dos intérpretes tornados coreógrafos. Eis um jogo que faz muito sentido hoje em dia. É ainda mais pertinente perante a recorrência nas artes performativas em geral e na dança em particular do revisitar, evocar e questionar o passado, eventualmente para edificar um novo futuro, este desenhado de gestos e composições de expressividades múltiplas do corpo. Mas eis que, tomando o mesmo título, a questão do lugar justo para alguém num dado contexto, torna-se ainda mais premente, mesmo se no processo novas questões e possibilidades de pôr em relação os caprichos da memória surgem, conforme avançam os encontros e partilhas entre os criadores envolvidos.





As 'coleções privadas' de recordações superam em relevância e significado a tendência para impôr um sistema de valores e de qualificações único. As 'coleções privadas' implicam mudanças de lugar, porque cada artista nesta obra se está a confrontar consigo próprio, com a sua relação particular com a história de que faz parte e com o outro que é seu companheiro de viagem nesta narrativa, tanto ao nível da vivência da História recente da dança portuguesa como ao nível dos afectos e cumplicidades. Esta abordagem contém ainda uma outra camada, que consiste na selecção que Filipa Francisco faz de todo o material evocado por cada um dos intérpretes e por si própria, construindo uma “supra-colecção privada” que vai buscar elementos e referências às colecções individuais dos intérpretes.

Este projecto tem na sua origem “a pesquisa sobre a relação entre as artes performativas e a construção e transmissão da memória cultural, desde um universo pessoal”. Por isto mesmo, tendo tido esta ideia a sua génese há mais de quatro anos e passando por diferentes formatos e possibilidades de concretização, é significativo que uma delas tenha sido o desejo de colaboração com o emblemático grupo de teatro contemporâneo experimental norte-americano Wooster Group. Este encontro não se deu, mas há considerações que permanecem relevantes no projecto, como esta: “A produção demonstra que a história é uma narrativa ficcional imposta numa confusão de narrativas individuais diferentes, adversativas, e por vezes contraditórias, algumas das quais são atribuídas autoridade, outras são esquecidas, postas de lado, ou anuladas”, como refere Philip Auslander numa análise ao trabalho do Wooster Group em geral e a “L.S.D. (...JUST THE HIGH POINTS...)” (1984) em particular (na obra “Presence and Resistance – Postmodernism and Cultural Politics in Contemporary American Performance”).

Que História então será esta que é posta em cena? Aquela que, como em todas as outras obras de dança contemporânea, cada espectador escolher ver, a partir da sua própria história e memória individual, livre para dialogar com o que se passa em cena a partir das suas “coleções privadas”, mesmo que a dança de muitos seja feita de um estar quotidiano na vida.

A História pode ser em letra pequena ou em letra grande, conforme cada um decida observar e se relacionar com o que emerge e o que se apaga. Ou pode simplesmente dar-se o recordar. Recordar em comoção, emocionados pela qualidade da presença, de alguns gestos familiares (talvez de outras peças?), alguns instantes (talvez de inquietações que todos já sentimos?), algumas curiosidades (todas as expressões da vida têm uma dimensão anedótica), que atravessadas pelos corpos habitados e humanamente virtuosos daqueles intérpretes ganham uma dimensão desarmante, frágil e potente, que conduz à confluência de todos os tempos para aquele momento de partilha entre público e artistas.”



Cláudia Galhós (Lisboa, 1972) é jornalista, crítica de dança, autora e documentadora de processos artísticos, com trabalho continuado na área das artes performativas desde 1994. Escreve sobre artes performativas para o semanário Expresso desde 2005 e colaborou, ao longo das últimas décadas, com diversos jornais, revistas, sites e projetos editoriais em Portugal e no estrangeiro, em publicações como BLITZ, O Independente, Público, Jornal de Letras, Visão, Mouvement e Dance Europe, entre outras.

Em televisão, trabalhou na RTP2 como editora de formatos culturais, incluindo o suplemento semanal “Artes de Palco”, integrado no programa “Magazine” (2004 a 2006), e o magazine cultural semanal “AGORA”. Desenvolveu também trabalho em rádio, com um programa de entrevistas dedicado às artes, e colaborou com imprensa especializada em crítica e acompanhamento de criação artística.

Na escrita literária, estreou-se na ficção com *Sensualistas* (2001), primeiro livro da “Trilogia Rock”, a que se seguiram *Conto de Verão* (2002) e *O Tempo das Cerejas* (2007). Tem contos publicados em coletâneas em Portugal e no estrangeiro.

Na área da dança e das artes, é autora e editora de vários livros, entre os quais *Corpo de Cordas, 10 anos de Companhia Paulo Ribeiro* (Assírio & Alvim, 2006), *Pina Bausch, Sentir Mais* (2010) e *15 anos do Espaço do Tempo* (2016). Foi também editora e autora do livro *There is nothing that is beyond your imagination* (2015), no âmbito da rede europeia “Imagine 2020, Art and Climate Change”, liderada pelo Kaaitheater (Bruxelas). Em 2021 publicou *Colher para Semear, 25 anos da GDA e 10 anos da Fundação GDA*.

Enquanto documentadora e “scribe” de processos e encontros, assinou documentação e escrita de acompanhamento em seminários, festivais e programas de investigação e residência artística, incluindo *Colina, Collaboration In Arts* (2003 e 2004), *MOV-S* (2007 a 2011) e *TryAngle, Performing Arts Research Laboratories*, projecto europeu liderado por O Espaço do Tempo. Participou ainda como observadora e consultora da rede Íris (2005 a 2006) e integrou júris e comissões de avaliação ligados ao sector, em Portugal e no estrangeiro. Em 2022 venceu a 7.ª edição do Prémio Residência Literária em Berlim, promovido pela Embaixada de Portugal na Alemanha e pelo Camões, Centro Cultural Português em Berlim.

Contactos

Website www.mundoemrebolico.pt

E-mail mundoemrebolico@gmail.com

Instagram www.instagram.com/mundoemrebolico

Facebook www.facebook.com/MundoemRebolico

